

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1348 - 13/06/2016 a 19/06/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

FRUTICULTURA

LIÇÕES DO NOVO POLO DA GOIABA

Pragas

Como controlar o percevejo

Alerta

Casos de greening dobraram no PR

www.sistemafaep.org.br

Quando se fala da agricultura paranaense, talvez a primeira imagem que vem à cabeça seja a de um campo de soja. Essa é uma realidade importante no Estado – afinal, trata-se do segundo maior produtor do país e deve encerrar a safra 2015/16 com uma produção de 16,7 milhões de toneladas. Mas o Paraná é mais do que isso, e há uma enorme variedade de culturas e de ambientes. Em alguns deles, grupos de produtores à frente de seu tempo estão usando estratégias que podem servir de exemplo para outras áreas.

Tome-se, por exemplo, a produção de goiabas. Essa não é sequer a maior atividade da fruticultura paranaense. No Norte Pioneiro, entretanto, um misto de iniciativa empresarial e manejo exemplar criou o maior polo de produção dessas frutas de mesa no país. A forma como esses produtores se organizaram, obtiveram o registro de Indicação Geográfica e buscaram um novo mercado pode servir de modelo para outros segmentos. Essa, talvez, seja a grande lição desse caso, que está na reportagem de capa desta edição: se você produzir com profissionalismo, gestão cuidadosa e de olho nas necessidades do mercado, os resultados irão aparecer. Assim é a agricultura moderna.

Há mais neste Boletim Informativo: o perfil de um produtor que chegou aos 104 anos de idade (e continua lúcido e com uma saúde de ferro), reportagens sobre o controle de pragas, cursos sobre colheita mecanizada do café e muitas outras novidades.

Boa leitura!

Índice

Artigo Ágide Meneguette	03
Percevejo	04
Manejo Integrado de Pragas	06
Perfil - Silfredo Kalinowski	08
Citricultura	10
Lei da Integração	13
Goiaba	14
História - Inês de Castro	18
Clima	20
CSA	21
Energia	22
Artigo Logística	24
Notas	25
SENAR-PR	26
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1348: Fernando Santos, Milton Doria, Mauro Frasson, Tony Oliveira / CNA, Gilson Abreu, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

Uma nova história

Por Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR



O Brasil tem pressa. São 11 milhões de brasileiros desempregados podendo chegar a 14 milhões até o final do ano. Pessoas que aguardam uma solução para o país e para suas vidas.

É por isso que esperamos que o presidente interino aja rapidamente porque, como diz o próprio ministro das Relações Exteriores José Serra não há a possibilidade de errar. O governo atual precisa se legitimar por suas ações para que possamos virar essa página do impeachment.

Uma tarefa ingrata e difícil de dar respostas de que a economia vai reagir neste curto período. Em tão pouco tempo não é de se esperar milagres, mas apenas sinais de que a condução da política econômica está no caminho certo. É claro que se trata de uma situação exasperante, principalmente levando-se em conta que a composição do governo provisório está sujeito a chuvas e trovadas, tempestades oriundas da operação Lava Jato e de uma oposição raivosa e frustrada por ter sido apeada do poder.

A oposição tenta dar ao governo atual um ar de déjà vu, de filme antigo ao reprisar manifestações, críticas as ações do governo e um apego à ideia do golpe. As coisas são como são, precisamos seguir em frente. Não há situação ideal na atual con-

juntura. Assim, é preciso que pelo menos haja uma confiança da sociedade de que as ações do governo provisório podem dar certo e que, ao final do processo de impeachment, a mudança de status de provisório para permanente até o final de 2018 dê melhores condições de atuação.

Com um déficit estimado em R\$ 170 bilhões, com o aumento brutal da dívida pública e o sucateamento da máquina do governo pela administração defenestrada, o país precisa de um esforço adicional para se livrar da terrível enrascada em que foi lançado. O problema é que as medidas anunciadas no final do mês de maio para conter o crescimento dos gastos públicos não parecem trazer nenhum resultado prático.

Esperamos por mais. Precisamos de algo que una os brasileiros em prol do Brasil para o bem de todos.

Assim como não há bem que sempre dure, não há mal que nunca acabe. Precisamos que essa amarga experiência nos fortaleça como sociedade e como cidadãos, com consciência das fragilidades de algumas instituições, que precisam ter suas regras revistas para evitar uma nova e terrível recaída.

O Brasil sofreu nestes anos um atraso que precisa ser superado com novas instituições, especialmente na normatização política, sem esse número estapafúrdio de partidos que acaba levando a políticas de coalizção sustentadas por dinheiro público, como podemos verificar nos resultados pela Operação Lava Jato.

Se o momento é de desafio, também é de oportunidade de mudarmos a nossa história com uma mudança profunda que mexe com os alicerces do sistema vigente. Desta forma, minha opção prioritária de reforma é a política, pois é a pedra de toque de todo o resto. De nada adianta alguns avanços se os velhos vícios continuarem contaminando a vida brasileira: vamos sair desta armadilha para cair em outra. O Brasil tem pressa de mudança e não podemos mais esperar.



Inimigo comilão

Encontro com especialistas de várias regiões do Brasil mostra que percevejos vêm causando grandes estragos às lavouras

Por André Amorim

Não são apenas a lagarta helicoverpa e a ferrugem asiática que tiram o sono do produtor de grãos no Paraná. Um velho conhecido das lavouras que vem dando trabalho é o percevejo, em especial as espécies *Euschistus heros* (percevejo marrom) e *Dichelops melacanthus* (barriga verde). A ação nociva desses insetos inspirou um workshop realizado na Embrapa Soja, em Londrina nos últimos dias 18 e 19 de maio, que contou com a participação da FAEP.

Na ocasião, especialistas e pesquisadores do Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Goiás e São Paulo, apresentaram trabalhos de pesquisa sobre controle químico, manejo, aspectos fisiológicos e relatos de ocorrência de percevejos no sistema de produção soja-milho.

Segundo o engenheiro-agrônomo Fernando Aggio, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, cerca de 85% dos danos ocorridos na emergência do milho safrinha são causados por perce-

vejos. “O controle do percevejo é mais difícil do que a lagarta”, diz.

Para evitar dores de cabeça e gastos maiores depois, o ideal, segundo Aggio, é que seja feito um bom tratamento pré-colheita da soja, que é a cultura que geralmente antecede o milho segunda safra e o tratamento de sementes com inseticidas específicos. Essa técnica é especialmente eficaz na proteção do milho safrinha, que fica vulnerável aos ataques do percevejo barriga verde nos quinze primeiros dias de brotação, quando a superfície da planta ainda é suficientemente macia para que o inseto possa perfurá-la e sugar a seiva.

Quando a semente é tratada, o inseto morre ao perfurar a primeira planta. Os vestígios de agroquímico somem depois de poucos dias, quando o milho já está suficientemente forte para resistir a esses ataques. “Temos que proteger o milho quimicamente até o décimo quinto dia, depois disso o colmo fica mais

resistente e os percevejos já não causarão mais danos à planta”, explica o agrônomo.

Os dois percevejos têm hábitos um pouco diferentes. O barriga verde entra em diapausa (estado semelhante à hibernação no qual os insetos entram em repouso) no verão, de modo que está bem disposto e faminto para atacar as culturas de inverno e também o milho safrinha. Já o percevejo marrom faz o contrário, entra em diapausa no inverno e no verão ataca a soja – principal cultura agrícola do Estado –, quando a planta está nos estágios reprodutivos.

Ao longo do evento, vários relatos da ação destes insetos em diversas regiões do país deram conta que os percevejos, aparentemente, estariam ficando mais resistentes a alguns inseticidas piretróides. “Também há sinais de que existiria uma população possivelmente resistente ao acefato”, afirma.

Apesar desses insetos não apresentarem resistência aos defensivos neonicotinóides, essa possibilidade traz em si um grande ameaça, pois desde 2004 não há produtos que possam substituir essas moléculas. Desse modo, se surgir alguma população resistente, não haverá tratamento adequado.

Mas o grande problema, segundo Aggio, está no manejo inadequado das lavouras. O controle ineficaz das ervas daninhas gera um ambiente favorável ao desenvolvimento dos percevejos, pois eles se alimentam destas plantas entre uma safra e outra. “Quando o controle dessas plantas não é eficaz não falta comida pra eles”. Além disso, a aplicação de inseticidas na hora errada acaba matando os inimigos naturais dos percevejos, prejudican-

do o Manejo Integrado de Pragas (MIP) e aumentando os custos de produção da lavoura.

Para fugir do prejuízo, a recomendação de Aggio é atenção a cada etapa do processo, “O segredo é monitoramento. Ande pela lavoura que ela te mostra o que ela precisa”, diz. Essa dica é extremamente valiosa, uma vez que não existe fórmula que possa ser aplicada ano após ano em todos os talhões igualmente. “Não existe receita de bolo, é dinâmico demais, um ano não repete o outro, por isso atenção”, pondera.

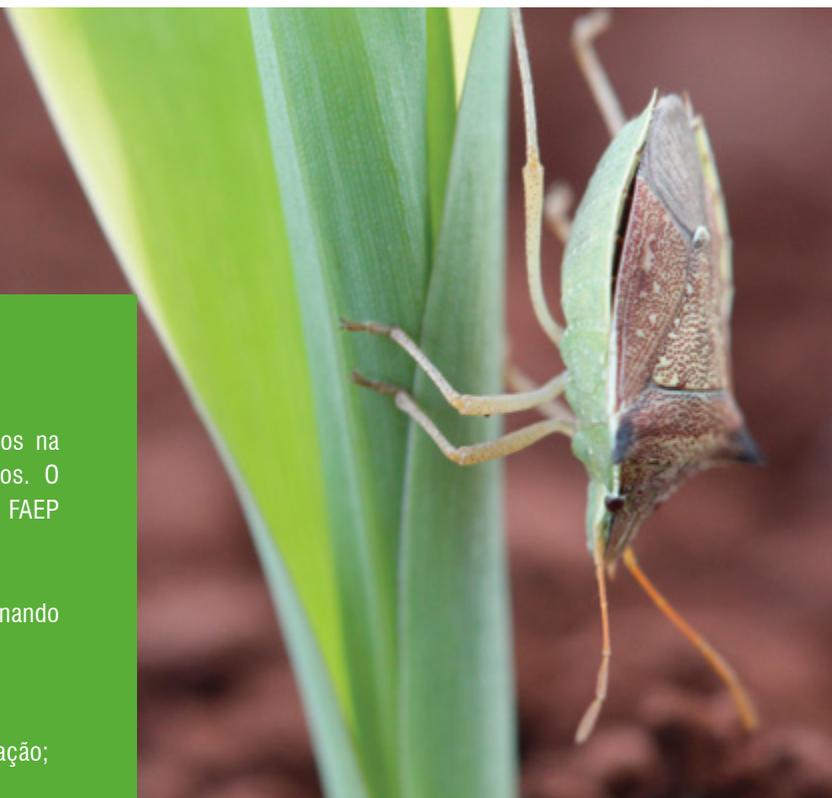
Depois da florada da soja é preciso ficar atento à presença de percevejos, esse monitoramento pode ser feito através da técnica de pano de batida. “Se o campo for pra grãos, a presença de dois percevejos por pano indica que está na hora de controlar”, orienta o agrônomo. O controle é feito por aplicação aérea de inseticidas (neonicotinóide e piretróide). Se o campo for destinado a sementes, a presença de apenas um percevejo adulto por pano de batida já é suficiente para acender o alerta vermelho para realizar a aplicação aérea. Sempre lembrando que a aplicação antes ou depois do momento certo não é eficaz.

Aggio lembra também que, para obter melhores resultados no controle de percevejos é preciso que os equipamentos de pulverização estejam bem regulados. Quando a dose é menor do que o necessário o controle é ineficiente e quando a dose é maior o custo sobe mais do que deveria. Outra dica é adicionar adjuvantes aos defensivos “Isso tem demonstrado uma melhora na eficiência dos produtos”, diz o agrônomo.

Controle eficaz

Para manter os percevejos controlados na lavoura, alguns cuidados são necessários. O engenheiro-agrônomo Fernando Aggio, da FAEP tem algumas recomendações:

- Dessecação de plantas daninhas, eliminando plantas hospedeiras;
- Tratamento de sementes adequado;
- Pulverizações em caso de necessidade;
- Manutenção dos equipamentos de aplicação;
- Monitoramento adequado da lavoura.



Equilíbrio é a chave

SENAR-PR capacita instrutores para ministrar cursos de Manejo Integrado de Pragas



Curso junto a profissionais da Embrapa Soja

Com objetivo de multiplicar e difundir os conhecimentos sobre o Manejo Integrado de Pragas (MIP) nas lavouras paranaenses, o SENAR-PR finalizou este ano uma formação voltada aos instrutores que irão ministrar cursos nesta área. A capacitação destes profissionais ocorreu durante a safra verão de soja 2015/16, de modo que a teoria e a prática puderam se encontrar em campo em uma situação real.

O trabalho foi realizado em parceria com a Emater e com a Embrapa Soja, que tem sede em Londrina, e faz parte da campanha Plante Seu Futuro, lançada pela Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab) com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR, que tem por objetivo promover e divulgar as boas práticas agrícolas, entre elas o MIP.

A última fase desse trabalho ocorreu em abril deste ano com a avaliação dos instrutores do SENAR-PR. Ao todo 13 instrutores completaram a formação com especialistas da Embrapa Soja e agora irão repassar esses conhecimentos para produtores e trabalhadores rurais do Estado. Para isso, será realizado em julho um circuito

de reuniões de sensibilização que vai percorrer o Paraná apresentando o protocolo para aplicação correta do MIP nas propriedades.

Ao todo serão 15 turmas na maioria das regiões do Estado. (Confira a programação na página 07). Nesses encontros, além de difundir as vantagens de uma lavoura equilibrada, será apresentado aos participantes o curso “Inspetor de Campo em MIP Soja”. Segundo o agrônomo e técnico do SENAR-PR, Leandro Alegriani, esta nova formação irá preparar o produtor para identificar, não apenas as pragas, mas também seus inimigos naturais, proporcionando uma avaliação mais completa da biologia existente na lavoura. “Quando o produtor adota corretamente o protocolo do MIP, monitorando a lavoura e anotando as ocorrências, ele tem muito mais subsídios para tomar a decisão correta sobre o manejo”, explica.

A expectativa, segundo Alegriani, é que nestas reuniões de sensibilização sejam definidas quais as propriedades que serão envolvidas futuramente nos cursos que serão realizados na próxima safra de soja 2016/17. “Queremos sair com o roteiro já definido”, diz.

Com 40 horas de duração, o curso Inspetor de Campo em MIP Soja conta com uma fase antes do plantio da soja, que envolve 16 horas e outra depois que a soja já emergiu com duração total de 24 horas divididas em 12 encontros semanais de duas horas cada um durante a safra. Nesses encontros o instrutor vai com os participantes até uma lavoura escolhida para ali poder realizar o monitoramento de pragas e estimular a tomada de decisões dos participantes.

“Essa nova formatação em que acompanhamos o participante do curso em campo durante o desenvolvimento da lavoura é o grande ganho”, aponta o engenheiro-agrônomo, produtor e instrutor do SENAR-PR, Miguel Luiz Severino. Com experiência de mais de 30 anos utilizando o MIP em sua propriedade, ele avalia que o grande desafio na adoção desse tipo de manejo é a mudança do paradigma vigente. “Tem produtor comprando inseticida agora para uma safra que ele nem plantou ainda e que nem sabe se vai ter praga”, diz.

Segundo ele, em algumas áreas conseguiu-se diminuir pela metade a aplicação de inseticidas. “Além da redução dos custos, reduz o risco de contaminação do meio ambiente, de intoxicação do aplicador, e entregamos para a sociedade um alimento mais saudável”, aponta Severino.

Lavoura equilibrada

O MIP é uma técnica de manejo que tem como objetivo manter a população de pragas (insetos, ácaros, lagartas, etc.) sempre abaixo do nível de dano econômico. Para isso, o protocolo prevê uma série de estratégias de controle que incluem o uso de plantas geneticamente modificadas para resistir a pragas; uso de feromônios; manipulação genética de pragas (uma das estratégias é tornar os machos estéreis); controle biológico, utilizando os inimigos naturais das pragas para combatê-las, e aplicação de inseticidas.

Hoje, infelizmente, a grande maioria das lavouras utiliza somente esta última estratégia para controlar pragas. Essa estratégia desequilibra o ecossistema, tornando o produtor refém dos “pacotes tecnológicos” oferecidos por empresas de insumos, que são aplicados sem critério ao primeiro sinal da presença de pragas.

“O inseticida não é nosso inimigo, mas é preciso aplicar com critério. Nem sempre ele é necessário”, aponta Alegansi. Para saber quando é a hora certa de utilizar as estratégias de controle, uma ferramenta indispensável é o pano de batida, através do qual é possível monitorar a presença de pragas e sinais de outros agentes biológicos nas lavouras. “Não existe receita de bolo, o produtor tem que andar pela propriedade e monitorar sempre para poder tomar a decisão correta”, observa o agrônomo.

Dentre as vantagens do MIP está a possibilidade de reduzir o número de aplicações de inseticidas. Com isso, ocorre uma menor exposição do aplicador a esses produtos e a pressão para seleção de pragas resistentes diminui.



Pano de batida: monitoramento constante é a chave do manejo correto

Reuniões de sensibilização para uso do MIP

Veja a agenda dos encontros coordenados pelo SENAR-PR sobre o Manejo Integrado de Pragas.

DATA	CIDADE
04/07/2016	Ubiratã
05/07/2016	Goioerê
05/07/2016	Mariluz
05/07/2016	Campo Mourão
06/07/2016	Ivaiporã
11/07/2016	Guarapuava
12/07/2016	Laranjeiras do Sul
12/07/2016	Toledo
13/07/2016	Palotina
14/07/2016	Pérola d'Oeste
14/07/2016	Francisco Beltrão
18/07/2016	Cambará
19/07/2016	Londrina
19/07/2016	Tibagi
20/07/2016	Teixeira Soares

O senhor Autoridade

Ao longo dos seus 104 anos de vida, Silfredo Kalinowski presenciou a transformação da agricultura do Norte Pioneiro



A bengala encostada no sofá, as fotos de época espalhadas pela sala e as histórias que relatam o período em que Londrina tinha poucas ruas asfaltadas permitem identificar que Silfredo Kalinowski já viveu um punhado de décadas. Porém, a mobilidade afinada, o dia a dia independente e a facilidade para relembrar dos tempos em que ingressou na agricultura fazem o interlocutor duvidar da verdade impressa na carteira de identidade – que o senhor de sorriso fácil contabiliza 104 anos completos.

Nascido no dia 12 de janeiro de 1912, em Curitiba, Silfredo cursou Ciências Contábeis na extinta Faculdade de Ciências Econômicas De Plácido e Silva e, em seguida, foi aprovado no concurso da Caixa Econômica Federal. Os primeiros anos na entidade financeira foram na capital paranaense, sendo transferido, anos mais tarde, para Ponta Grossa, nos Campos Gerais, onde exerceu

a função de fiscal de agência. Lá, conheceu a esposa Maria de Almeida, com que foi casado durante 62 anos, até o falecimento da companheira em 2002.

Em 1947, apesar da resistência inicial, Silfredo foi transferido para Londrina, numa época onde era preciso amarrar correntes nas galochas para andar pelas ruas da cidade. “Quase não havia asfalto. O piso, quando chovia, era um sabão. Vi muitas transformações ocorrerem em Londrina”, relembra.

Nesta mesma época, o senhor de sorriso largo e bom papo era figurinha fácil nos eventos da cidade. Não exclusivamente por vontade própria, mas por certa “obrigação”, pela posição que ocupava. “Naquele tempo, as autoridades eram o prefeito, o padre, o promotor e o gerente da Caixa Econômica Federal. Ou seja, eu era uma autoridade, e participava de muitas inaugurações”, conta, aos risos.

Ingresso na agricultura

Dois anos depois, em 1949, já bem instalado e totalmente adaptado à vida no Norte do Paraná, Silfredo teve seu primeiro contato com a agricultura. Por insistência do amigo Rafael Rezende, grande cafeicultor da região na época, ele acabou comprando um sítio de 48 hectares em Bom Sucesso, então distrito de Jandaia do Sul, onde plantou café. “Peguei gosto e não me contentei com apenas um sítio”, relembra. “Comprei outra propriedade, onde plantei rami, e outra, em que cultivava hortelã”, relata.

A agricultura e os afazeres na instituição financeira caminharam de forma paralela por quase duas décadas. “Trabalhava na Caixa durante a semana e me dedicava as propriedades nos finais de semanas”, relata. Porém, em 1968, com a aposentadoria após 35 anos de serviço, Silfredo passou a focar-se única e exclusivamente os negócios no campo.

Daquela época, lembra perfeitamente da Geada Negra, que praticamente dizimou a cafeicultura na região. Porém, diferentemente dos demais agricultores envolvidos com a cultura, Silfredo recorda que o fenômeno climático não atingiu sua propriedade em Bom Sucesso, permitindo um avanço financeiro. “Na época, os jornais escreveram que o Norte do Paraná havia acabado. Mas o meu santo era forte, eu fui muito beneficiado. Além de não pegar nas minhas terras, como eu tinha estoque de café na tulha e o

preço subiu, ganhei muito dinheiro.”

Diante das condições adversas, cafezais arrasados e dívidas em bancos, muitos produtores desistiram do café. Silfredo não. Manteve parte da área com cafezais e seguiu na cultura por muitos anos ainda. Até, anos depois, se render as transformações do mercado e ingressar na soja e no milho, substituindo o café.

Nosso personagem não se limitou ao trabalho dentro da porteira. Em 1967, mais exatamente no dia 20 de março, participou da fundação do Sindicato Rural de Londrina. “Eu tive uma vida sindical ativa. Sempre participava das reuniões e de muitos eventos”, relembra.

Atualmente, a propriedade de 146 hectares da família está sob a administração do filho Luiz Fernando, que já foi presidente do Sindicato Rural de Londrina por duas gestões (2001/04 e 2004/07). “Hoje sou um analfabeto no quesito agricultura. Não entendo mais nada”, brinca, aos risos.

Com o dever profissional cumprido e a vida estável, a rotina atual de Silfredo se divide entre ler (adora livro e jornal), assistir jogos de futebol na televisão (torcedor do Paraná e do Londrina) e receber visitas dos amigos e da família que construiu. São dois filhos, seis netos e dois bisnetos.

Diante desta trajetória peculiar – que já foi objeto de reportagem deste Boletim em 2012, quando completou 100 anos –, resta aprender com os ensinamentos adquiridos por Silfredo ao longo das décadas e desejar felicidades ao Senhor Autoridade!



Narciso Pissinati, atual presidente do Sindicato Rural de Londrina, e o filho Luiz Fernando, ex-presidente do Sindicato, com Silfredo Kalinowski



Casos de greening dobram no Paraná

Doença que ataca frutas cítricas avança no Estado. Produtores e organizações estudam medidas para reduzir infecções

Por André Amorim

Considerada a doença mais devastadora para as frutas cítricas em todo mundo, as infecções com o greening – ou Huanglongbing (HLB) – praticamente dobraram no Paraná entre 2015 e 2016. Segundo o coordenador de Sanidade da Citricultura da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), José Croce Filho, nas regiões onde o índice de plantas contaminadas era de 5% em 2015, hoje é de 10%. Onde era de 9%, saltou para mais de 15%. “A Adapar registrou nestes cinco primeiros meses de 2016 mais notificações do que todo o ano de 2015”, observa.

Segundo Croce Filho, o aumento expressivo no número de plantas doentes no Estado não se deve somente a alguma epidemia, mas sim à mentalidade de alguns produtores, que têm priorizado seus lucros imediatos em detrimento da sobrevivência futura de seus pomares. “O citricultor do Paraná tem abandonado a

eliminação de plantas doentes, está tomando o mesmo caminho errado que fizeram os produtores da Flórida (nos Estados Unidos) e de São Paulo”, observa, referindo-se à prática de “esconder” do órgão fiscalizador a existência de árvores doentes e assim aproveitar por um curto espaço de tempo a produtividade destas plantas, que encolhe ano a ano até chegar a zero. “Ele varre para baixo do tapete agora, mas vai pagar muito caro quando o reflexo disso aparecer, em 2017”, avalia.

Uma das dificuldades do combate ao greening é que se trata de uma doença silenciosa. Um pé de laranja infectado só começará a perder frutos de forma significativa depois de três anos, nesse meio tempo o inseto vetor responsável pela sua transmissão – o psilídeo –, já terá contaminado diversas outras plantas sadias ao redor.

De 2007 para cá o Paraná perdeu 2,5 milhões de árvores de laranja. Deste total, cerca de 30% corresponde a abandono ou desinteresse. “São aqueles produtores que saíram da atividade por conta de preço ou de outros fatores”, explica Croce Filho. O restante, que corresponde a cerca de 1.750.000 de árvores, tiveram que ser erradicadas por conta do greening.

Por outro lado, produtores que continuam a eliminar plantas doentes e a controlar o inseto vetor, vem ampliando a área de seus pomares e até plantado novas áreas, tanto na região do Norte velho como na região do arenito do Noroeste, apostando na melhora dos preços do produto, para se manter na atividade.

Calcula-se que para cada planta identificada como portadora da doença, existam mais três infectadas. Desse modo, quando o percentual de plantas doentes chega a 28% todo o pomar deve ser derrubado para evitar a propagação do greening.

Segundo Croce Filho, atualmente muitos produtores estão deixando de entregar à Adapar os relatórios com o número de árvores infectadas na esperança de aproveitar os últimos suspiros de produção destas plantas. A penalidade para quem não entrega o relatório é multa proporcional ao tamanho do pomar, uma média de R\$ 100,00 para cada mil árvores.

Alerta

Como se trata de uma doença sem cura, uma das estratégias para manter o greening afastado reside no combate ao seu transmissor, o psilídeo. Uma iniciativa que vem se mostrando bastante positiva nesse caminho é o sistema de Alerta Fitossanitário, vem sendo desenvolvido em São Paulo e parte de Minas Gerais pelo Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus).

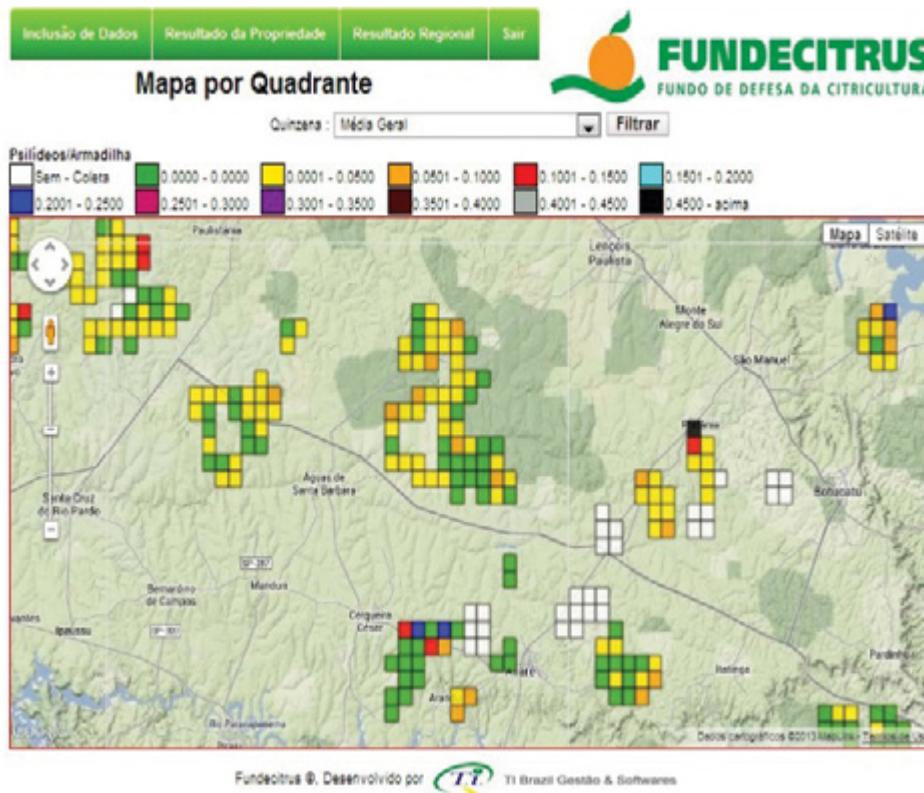
O trabalho consiste num monitoramento constante da presença do psilídeo nos pomares através de armadilhas instaladas na periferia das propriedades, por onde o inseto entraria. Quando é identificada uma tendência de aumento da população do psilídeo em determinada área, é emitido um alerta geral para que as propriedades da região realizem uma pulverização conjunta. Com isso, evita-se que o inseto migre de uma região pulverizada para outra sem pulverização.

Hoje integram esse sistema 26 mil armadilhas georreferenciadas para coleta de informações. Destas, 19 mil foram instaladas por citricultores para monitorar as bordas dos pomares. O restante foi instalado pelo próprio Fundecitrus para cobrir outras áreas.

De acordo com o engenheiro-agrônomo do Fundecitrus, Ivaldo Sala, a estratégia teve início em 2011 na região de Santa Cruz do Rio Pardo, no Estado de São Paulo. “Foi crescendo ano a ano de acordo com a demanda do citricultor”, afirma. Entre 2013 e 2015 houve um salto de 180% na abrangência do projeto e hoje são mais de 230 mil hectares monitorados em 128 municípios.

As avaliações são quinzenais e medem quantos insetos foram pegos em cada armadilha. Os usuários da plataforma eletrônica conseguem visualizar no computador, ou mesmo no celular, as regiões com maior incidência do psilídeo. Quando essa incidência mostra tendência de crescimento, o sistema emite um alerta, que chega através de mensagem de celular, ou e-mail, para ser efetuada a pulverização coletiva naquela área.

Até o momento o sistema de alerta fitossanitário não chegou ao Paraná, outras iniciativas de combate ao greening estão sendo estudadas pelos órgãos competentes, inclusive projetos com estações de monitoramento muito semelhantes ao modelo do Fundecitrus. “É urgente trazer para o Paraná o sistema de alerta”, observa Croce Filho, da Adapar, que vem mantendo contato permanente com o Fundecitrus.



Sistema de monitoramento do Fundecitrus

Guerra de insetos

Paralelo ao Alerta Fitossanitário, em outro front da guerra contra o greening tem como arma o controle biológico. Um exército de vespas produzidas em laboratório vem sendo usado para combater o psilídeo. No início do ano passado foi inaugurado em Araraquara (SP) um laboratório do Fundecitrus com capacidade de produzir 100 mil vespas da espécie *Tamarixia radiata*, inimiga natural do psilídeo.

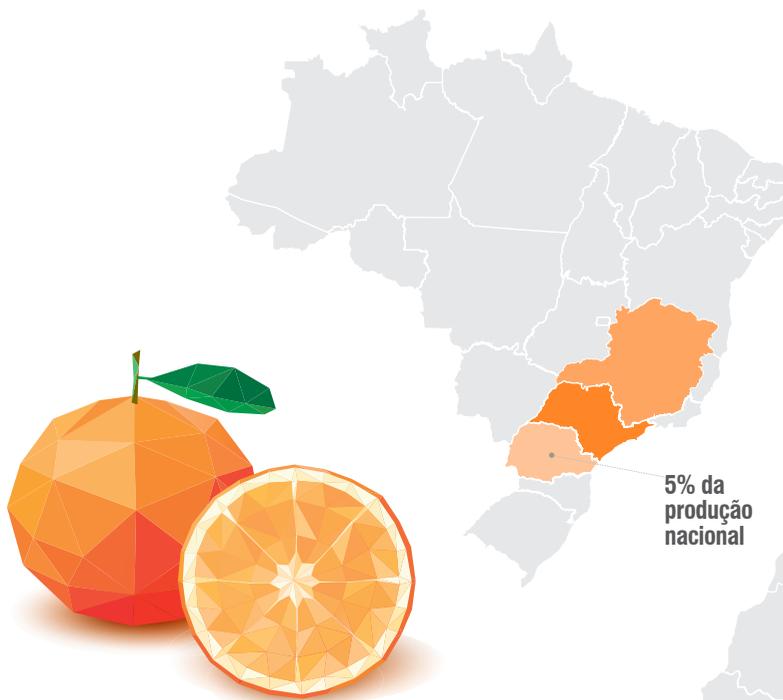
Seguindo a mesma linha, em maio desse ano foi assinado no Paraná uma parceria público-privada para a implantação de

duas biofábricas desta vespa no Estado, uma no polo do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar) em Paranaíba e outra na sede do Iapar em Londrina, ambas grandes regiões produtoras de laranja.

O acordo de cooperação envolve o Iapar, Cooperativa Agroindustrial de Maringá (Cocamar), a Citri Agroindustrial S.A. de Mandaguari e a Fapeagro (Fundação de Apoio à Pesquisa e Desenvolvimento do Agronegócio).

A estratégia é soltar as *Tamarixias* em regiões próximas aos pomares, como chácaras, pomares abandonados e áreas urbanas. Essa é uma ação complementar que deve ser utilizada para reforçar o combate ao psilídeo.

Laranja em números



O **Brasil** é o maior produtor de laranja e de suco de laranja do mundo.

Apenas as exportações da bebida geram uma receita anual média de **R\$ 2 bilhões**.

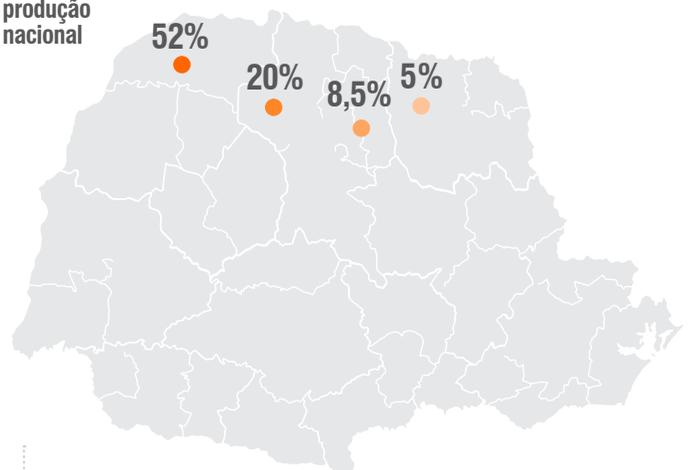
O maior produtor brasileiro é **São Paulo**, seguido de **Minas Gerais** e do **Paraná**, que responde por cerca de 5% da produção nacional.

Trata-se da **fruta mais importante do Estado**. Segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab).

O volume de produção de laranja corresponde a **54% de todas as frutas**.

Em 2014 os pomares paranaenses de laranja ocupavam uma área de **26,6 mil hectares**.

Com uma produção de **959,4 mil toneladas**, garantindo um Valor Bruto de Produção (VBP) de **R\$ 263,3 milhões**.



A região de **Paranaíba** responde por 52% da produção estadual, seguida pela região de **Maringá**, com 20%, **Londrina**, com 8,5%, e **Cornélio Procopio**, com 5%. Só o **município de Paranaíba** é responsável por 20% da produção paranaense de laranja.

Hora de pôr em prática

Para adequar os contratos de integração vigentes à nova legislação sancionada em maio, produtores devem procurar suas respectivas Cadecs



Com objetivo de alinhar as ações para a regulamentação da Lei nº 13.288, conhecida como Lei da Integração, que rege as relações entre agroindústrias integradoras e produtores integrados, representantes da FAEP participaram da reunião da Câmara dos Integrados da CNA, realizada em Brasília, na última quarta-feira (8).

Na ocasião, o presidente da Comissão de Avicultura da Federação, Amarildo Brustolin e a médica-veterinária do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, Ariana Weiss Sera, participaram das conversas entre representantes dos produtores rurais e das agroindústrias para dar os encaminhamentos necessários à adequação da nova legislação. A Lei da Integração foi sancionada pelo presidente em exercício, Michel Temer, e publicada no Diário Oficial da União no dia 17 de maio. Também estiveram presentes na reunião os deputados federais Moreira Mendes (PSD-RO), Valdir Colatto (PMDB-SC), e o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Neri Geller.

Segundo Weiss, no próximo dia 28 de junho, os membros da Comissão irão se reunir na Comissão Nacional de Aves e Suínos da CNA para formar um consenso sobre qual a melhor estratégia para a composição do Fórum Nacional de Integração (Foniagro), cuja cria-

ção está prevista na lei. Esse fórum será composto pelas entidades representativas dos produtores e dos integradores de forma paritária, isto é, terão o mesmo peso.

Paralelamente os representantes da indústria devem se reunir neste meio tempo para alinhar suas próprias propostas. As duas partes – produtores e indústrias – irão se encontrar novamente no próximo dia 27 de julho, em Brasília, para formatar uma proposta conjunta que atenda aos preceitos da nova legislação.

Desde que a Lei da Integração foi sancionada, começou a correr o prazo legal de 180 dias para que ela seja regulamentada, o que inclui a formação do Foniagro. O único item vetado por Temer na nova lei diz respeito à adequação dos contratos entre integradoras e integrados, desta forma as novas regras valem apenas para os novos contratos, os contratos em vigor seguiriam sem alteração. A classe produtora é contrária a esta medida.

Segundo Weiss cabe aos produtores pedir a revisão desses contratos para que sejam adequados ao texto da nova lei. Isso pode ser feito através das Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs), que são formadas junto a cada unidade integradora.

Goiaba made in Carlópolis

Fruto de mesa produzido na região do Norte Pioneiro está próximo de conquistar o mundo e serve de referência para outras fruticulturas do Estado



Por Carlos Guimarães Filho

A goiaba não figura na lista dos principais plantios da fruticultura do Paraná, segundo dados do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual da Agricultura e do Abastecimento (Seab). Conforme levantamento de 2014, o mais recente disponível, a cultura ocupou 637 hectares para uma produção de 16 mil toneladas, com Valor Bruto de Produção (VBP) de R\$ 39,7 milhões. Frutas como a banana, melancia, tangerina e laranja, por exemplo, ultrapassaram as 100 mil toneladas no mesmo ano, com destaque para última que se aproximou de 1 milhão de toneladas.

Mesmo assim, a goiaba de mesa produzida em Carlópolis, município da região do Norte Pioneiro do Estado, tem conquistado destaque nacional e, em breve, deve chegar ao mercado internacional. Esses feitos são consequências diretas de uma série de ações como registro de Indicação Geográfica (IG), certificação das propriedades e Manejo Integrado de Pragas (MIP), fazendo da goiaba made in Carlópolis uma referência para outras fruticulturas paranaenses.

“Os produtores de Carlópolis são um exemplo de como dever ser a fruticultura empresarial. Os conceitos aplicados como manejo

do solo, cobertura verde, cuidado praticamente exclusivo com cada pomar são fundamentais para obter um fruto de qualidade”, aponta o engenheiro-agrônomo da Seab, Paulo Andrade, lembrando de outros casos de sucesso no Estado como a produção de uva em Marialva, na região Norte, e o morango na Região Metropolitana de Curitiba, o cultivo do fruto vermelho na RMC recentemente foi reportagem deste Boletim.

A principal preocupação dos produtores de Carlópolis é com o manejo integrado das áreas de goiaba. O trabalho é minucioso e passa pela adoção de boas práticas agrícolas, separação dos pomares em talhões e o ensacamento individual do fruto, com um pacote de papel semelhante àquele usado para armazenar pipoca. Essa metodologia, apesar de trabalhosa, afinal são, em média, 600 frutas por árvore, permite a proteção contra pragas, insetos, passarinho e intempéries climáticas como o vento e, conseqüentemente, o menor uso de agrotóxicos.

“Quem é casado e produz goiaba dá mais atenção aos frutos do que a esposa”, brinca Cilso Rodrigues de Almeida, vice-presidente



Carlópolis produz 10,3 mil toneladas do fruto, 65% do total do Paraná

atividade e precisa acompanhar os avanços como para quem está entrando na atividade”, aponta Rodrigo da Silva Viana, produtor e diretor técnico da APC. “Tem gente faturando mais com a goiaba que com o café na região. Sempre estamos promovendo cursos em parceria com o SENAR-PR”, diz Takashi Yamamoto, presidente do Sindicato Rural de Carlópolis.

Além da assistência técnica “formal”, outra maneira de conhecer e aprender sobre produção de goiaba, na prática, é visitar as primeiras propriedades que ingressaram na cultura. As fazendas estão sempre com as porteiras abertas para novos e velhos produtores, além de interessados em diversificar a propriedade.

Pomares antigos

A vida útil do pomar de goiaba é relativa. Depende fundamentalmente do manejo do solo e da poda das árvores. Atualmente é possível encontrar pés da fruta plantados há décadas.

“Tivemos pés com mais de 30 anos”, recorda Viana. O auge de produção da árvore é alcançado no quinto ano de vida, se mantendo assim por décadas.

O pé mais antigo em produção em Carlópolis, com 29 anos, está na propriedade do produtor Noriaki Akamatsu, que ingressou na cultura em 1987 porque “era a fruta da moda e dava rentabilidade”. Hoje são dois hectares ocupados por 1,1 mil pés de goiaba que produzem 20 toneladas de fruta por ano. O produtor, que entrega na Associação, recebe R\$ 2,5 por quilo pela goiaba vermelha e R\$ 2 por quilo pela branca.

A fazenda de 30 hectares, que também produz café, abacate, figo da Índia, lichia e uma parte está arrendada para o milho, é administrada pelo próprio Akamatsu com a ajuda do filho e da esposa. Diante da mão de obra reduzida, o manejo dos pomares é realizado de forma programada, para viabilizar a colheita de todas as variedades de frutas na sua época correta. “Isso facilita diante de tantas culturas”, garante.

No passado, diante de adversidades como preço ruim e geada, Akamatsu já pensou em abandonar a atividade. Porém, não se arrepende da decisão de permanecer com a goiaba. “Foi acertado ter ficado, tanto que depois até aumentei a área e implantei novas variedades”, reconhece.

da Associação dos Olericultores e Fruticultores de Carlópolis (APC), fundada em 1994. “A planta é perene e precisa de cuidado 365 dias por ano”, complementa.

Atualmente, entre as dezenas de frutas e hortaliças comercializadas pela entidade, a goiaba é o carro-chefe. Os 38 produtores associados envolvidos com o fruto (são 74 vinculados a Associação) somam 100 mil pés, o que permite, em média, produzir seis mil toneladas/ano, entregues nas Ceasas de Curitiba e Londrina e na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp). “O número de produtores está aumentando e, consequentemente, a produção”, destaca Almeida.

O município de Carlópolis produz 10,3 mil toneladas de goiaba, 65% do total estadual, em uma área de 346 hectares. O fruto gera VBP de R\$ 25 milhões na cidade. Lindianópolis, segundo maior produtor no Paraná, produz apenas 1,2 mil toneladas.

O fruto vistoso e saboroso que chega a mesa do consumidor é reflexo do constante aperfeiçoamento da técnica adotada na cultura. Os produtores participam frequentemente de cursos, alguns promovidos pelo SENAR-PR, além de receberem orientação da APC.

“O produtor tem canais de suporte técnico viabilizados pela Associação. Isso traz uma segurança tanto para quem já está na



Noriaki Akamatsu projeta bons negócios com a abertura do mercado internacional

Reconhecimento

“O objetivo é que a goiaba de Carlópolis se torne uma marca”. A meta estipulada pelo diretor técnico da APC, Rodrigo da Silva Viana, passa por algumas etapas, que estão bem encaminhadas.

Recentemente, o fruto produzido na cidade recebeu o registro de Indicação Geográfica (IG), concedido pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi). A conquista é resultado do esforço, adaptações e melhorias por parte dos produtores, com apoio da Associação, que cumpriram normas específicas de embalagem, rotulagem, acondicionamento e transporte, processo produtivo e segurança alimentar, além de responsabilidade social e ambiental, entre outros atributos. A entrega do IG pelo Sebrae/PR está marcado para o próximo dia 23, em Carlópolis.

A conquista abriu uma nova porta, ainda mais ambiciosa. Com a Indicação Geográfica, os produtores e a Associação estão passando por certificação individualizada. O processo já está em andamento há dois anos. “Estamos confiando que os primeiros produtores sejam certificados até outubro. Temos consciência que a burocracia é grande. Mas também sabemos que agrega maior valor de mercado [ao fruto] e, posteriormente, até novos mercados”, acredita o presidente da APC.

A própria Associação também está passando por adaptações. A packing house (unidade de beneficiamento) na sede, onde a fruta é recebida, selecionada, lavada, embalada para posterior comercialização, será reformada. O recurso, via financiamento, já está autorizado para a compra de novas máquinas e mudanças na estrutura física. As obras irão começar em novembro, com previsão de término em março de 2017.

Novos mercados

O trabalho desenvolvido em Carlópolis, referência no Estado e até mesmo no país, está ultrapassando as fronteiras brasileiras. Um lote de quatro toneladas de goiaba já está negociado com a Inglaterra, com data de envio marcada para outubro. Além disso, o fruto de Carlópolis será levado para participar de uma feira do setor na Alemanha.

“Isso é graças à certificação e o manejo integrado. O mercado internacional só quer produto com rastreabilidade e cultivado dentro das boas práticas agrícolas”, ressalta Almeida.

O interesse de compradores no mercado externo exige novas adaptações nas propriedades. O interesse estrangeiro se restringe a frutos vermelhos e de tamanho médio – o mercado interno consome fruto

grande e também a goiaba branca. Mesmo assim, para produtores como Akamatsu, a possibilidade de novos compradores traz garantias de vida longa para a cultura e, claro, boa remuneração. “As perspectivas são promissoras. A situação está boa com o mercado interno. Com o advento da exportação, fica ainda melhor”, diz o produtor. “Sim, podemos sonhar em ser um grande fornecedor de goiaba para o mundo”, garante Almeida.



Capacitação

O SENAR-PR promove uma série de cursos na área de fruticultura. A capacitação “Básico clima temperado”, por exemplo, orienta os produtores em relação ao processo básico de produção de frutíferas de clima temperado. Também é possível fazer um aperfeiçoamento em relação ao manejo ecológico de pragas que permite reconhecer os inimigos e as formas eficazes de controle. O catálogo completo dos cursos e as informações detalhadas estão no site www.sistemafaep.org.br.

SEMINÁRIOS

TENDÊNCIAS DE MERCADO

DE GRÃOS

+9,8

-2,1

0

+11,0

+9,1

+3,4

Qual será o comportamento dos preços da soja, do milho e do trigo?

As mudanças no clima nos EUA e nos países do Mercosul, a volatilidade de preços das commodities agrícolas no mercado internacional, a taxa de câmbio no Brasil apresentam um cenário de risco e oportunidades para os produtores. A FAEP, em parceria com os Sindicatos Rurais, realizará os eventos nos seguintes locais, datas e horários:

PALESTRANTE

Flávio França Junior

Analista de mercado de commodities. É economista e atua há 30 anos em análise agroeconômica e de mercados de commodities, sendo diretor presidente da França Junior Consultoria.

SISTEMA FAEP



LOCAIS, DATAS E HORÁRIOS

Cornélio Procópio

20 de Julho | 09h00 às 11h30

Auditório do Sindicato Rural de Cornélio Procópio
Av. Alberto Carazzal, nº 1630 - Centro

Londrina

20 de Julho | 19h00 às 21h30

Auditório Milton Alcover
Parque de Exposições Ney Braga
Av. Tiradentes, nº 6275

Maringá

21 de Julho | 09h00 às 11h30

Sala Central - Parque Internacional de
Exposições Francisco Feio Ribeiro
Av. Colombo, nº 2186 - Vila Moranguera

Campo Mourão

21 de Julho | 19h00 às 21h30

Associação dos Engenheiros
Agrônomos de Campo Mourão
Av. Irmãos Pereira, nº 2900 - Centro

Cascavel

26 de Julho | 14h00 às 16h30

Auditório Principal Show Pecuário
Parque de Exposição Celso Garcia Cid
BR277, km 600 - Santos Dumont

Pato Branco

27 de Julho | 09h00 às 11h30

Auditório do Centro Regional
de Eventos
R. Benjamin Borges dos Santos, nº 611 - Fraron

Ponta Grossa

28 de Julho | 09h00 às 11h30

Associação Comercial, Industrial e
Empresarial de Ponta Grossa
R. Comendador Miró, nº 860 - Centro

Guarapuava

28 de Julho | 19h00 às 21h30

Anfiteatro do Sindicato Rural
de Guarapuava
R. Afonso Botelho, nº 58 - Trianon

“Agora Inês é morta...”



"A coroação de Inês de Castro", pintura do francês Pierre-Charles Comte

O romance de Pedro, futuro rei de Portugal, com a dama de companhia Inês de Castro marcou a história e a cultura portuguesas. Foi um amor proibido, vivido em atmosfera carregada de disputas de poder. A maior parte da narrativa se baseia em registros históricos. Só alguns detalhes pertencem ao campo da lenda, fruto da imaginação popular e do talento de artistas.

Tudo começou em 1320, com o nascimento do infante Pedro (infante é como eram chamados os filhos dos reis de Portugal e Espanha). Desde criança, ele estava prometido a Constança Manuel, filha de um descendente de monarcas dos reinos de Aragão, Castela e Leão. Não cabia a Pedro decidir o próprio futuro político e amoroso, porque o casamento dos nobres era instrumento de alianças políticas e consolidação de poder.

Pedro se submeteu ao casamento. Constança lhe deu um herdeiro e outros dois filhos. Quanto ao amor, o príncipe foi buscá-lo em outra mulher – logo a dama de companhia de sua esposa, vejam só. O nome dela era Inês de Castro, jovem de grande beleza, originária da Galícia, descrita como loura e elegante. Mas o caso de amor incomodou a Corte e tornou-se um escândalo. O pai do infante, o rei Afonso IV, ordenou o afastamento de Inês. Ela deixou o país e se exilou em Albuquerque, em Castela.



Túmulo de Inês de Castro

Constança morreu num parto e, aos 24 anos de idade, o príncipe se viu livre do casamento de conveniência. Trouxe Inês de volta a Coimbra, então capital portuguesa, e a instalou em um palácio que podia ser avistado de seu quarto. Diz a lenda que o nobre enviava à jovem bilhetes de amor e pequenos presentes por meio de barquinhos de papel lançados em um fio de água que ligava as duas propriedades e a visitava nesse local – hoje, ponto turístico de Coimbra, chamado de Fonte dos Amores. E a mansão onde vivia Inês passou a se chamar Quinta das Lágrimas, pelas razões que serão descritas adiante. Tornou-se um hotel.

O relacionamento amoroso aproximou Pedro de dois irmãos de Inês, Álvaro e Fernando de Castro. Eles viram na situação a oportunidade de obter o apoio de Portugal na luta que travavam contra o rei de Castela. A situação irritou D. Afonso IV, pois ameaçava sua política de alianças. O rei também temia que os Castro agissem contra o herdeiro legítimo do trono, seu neto d. Fernando, filho de Pedro e Constança.

Dom Afonso foi convencido por três de seus conselheiros – Pedro Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco – de que somente a morte de Inês poderia afastar tantos riscos. Em 7 de janeiro de 1355, os três partiram para Coimbra e encontraram Inês sozinha, pois Pedro havia saído para caçar. Eles a degolaram impiedosamente, e seu corpo foi enterrado às pressas na igreja de Santa Clara. Diz a lenda que o assassinato ocorreu em uma outra fonte que fica na antiga propriedade, que se tornou conhecida como Fonte das Lágrimas. Diz-se que o sangue de Inês manchou perpetuamente o local, que conta com algumas pedras de um vermelho vivo em seu fundo.

Dois anos mais tarde, em 1357, D. Afonso IV morreu. Pedro subiu ao trono de Portugal e seu primeiro ato foi man-

dar procurar os assassinos de Inês de Castro, refugiados em Castela. Conseguiu que aquele reino lhe entregasse dois dos culpados, Pedro Coelho e Álvaro Gonçalves. Diogo Lopes Pacheco conseguiu fugir. O novo rei escolheu uma morte particularmente cruel para os homens que destruíram seu objeto de amor. Mandou que lhes arrancassem o coração: de um, pelo peito, e do outro, pelas costas.

A paixão de Pedro e a reparação do mal feito à amante tornaram-se obsessões do novo soberano. Em 1360, ele jurou que havia se casado em segredo com Inês de Castro, o que fazia dela rainha. Assim, o corpo de Inês foi transferido solenemente para o mosteiro Real de Alcobaça, onde eram enterrados os monarcas portugueses. Ornado por esculturas em mármore, o túmulo de Inês está apoiado três figuras humanas – os seus assassinos, condenados simbolicamente a suportar o fardo de seu crime.

Reza a lenda que Pedro mandou colocar o corpo de Inês no trono, pôs uma coroa em sua cabeça e obrigou os nobres presentes a beijar a mão do cadáver. Está nessa narrativa a origem da expressão “Agora, Inês é morta”, que quer dizer algo como “tarde demais”.

O rei Pedro I também mandou esculpir sua história em detalhes no próprio túmulo. E quando ele morreu, em 1367, seu corpo foi levado a Alcobaça. Os corpos não foram colocados lado a lado, como seria mais natural, mas um de frente para o outro, em sepulturas suspensas feitas de mármore. A intenção declarada do rei era que, no dia da ressurreição, eles pudessem se levantar e cair nos braços um do outro.



Túmulo de D. Pedro

La Niña chega trazendo frio intenso

Fenômeno climático traz geadas, que vão dar o tom do inverno paranaense



Depois de dois anos de invernos bastante amenos, neste ano o tempo deve esfriar bastante no Brasil. Desde a semana passada, quando uma massa de ar seco chegou ao Paraná trazendo geadas para a maioria das regiões, que o Estado vem registrando quedas expressivas na temperatura.

Na última quarta-feira (8) a cidade de General Carneiro, localizada na região Sul do Paraná, registrou a menor temperatura do Brasil, - 4,5°C. “Ano passado tivemos o El Niño, que já está indo embora. Agora vem chegando outro fenômeno climático, a La Niña, que traz temperaturas mais baixas”, explica o meteorologista do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), Luiz Renato Lazinski.

Segundo ele, as temperaturas se mantiveram baixas com intensa ocorrência de geadas em diversas regiões do Paraná ao longo da última semana, no sábado, uma nova massa de ar frio

se somou àquela que já pairava sobre o Estado, derrubando ainda mais as temperaturas. O frio intenso deve permanecer até esta quarta-feira (15), quando as temperaturas devem subir um pouco.

De acordo com o meteorologista, desde o inverno de 2000 não tínhamos um frio tão intenso no Estado. Segundo ele, por enquanto as baixas temperaturas não afetaram o milho safrinha que está no campo, mas algumas áreas no Norte do Paraná, Sul de São Paulo e Centro-Sul do Mato Grosso do Sul devem sofrer com o frio esta semana. Em outras áreas mais altas, como o Centro-Sul paranaense as geadas continuarão dando o tom da estação.

Segundo a Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab), até a quinta-feira (9 de junho, data de fechamento desta edição), ainda não havia registro de prejuízos nas lavouras em decorrência das geadas.

A força do CSA

Conselho acumula longa lista de benefícios desde que foi implantado em Cornélio Procópio, em 2009



O presidente do CSA de Cornélio Procópio, Cristiano Leite Ribeiro (centro), durante uma reunião do Conselho

Desde que foi implantado o Conselho de Sanidade Agropecuária (CSA), na cidade de Cornélio Procópio, região Norte do Paraná, em 2009, as ações só acumularam bons resultados.

Ao longo desses anos, a atuação do CSA, que tem o apoio de 36 membros de entidades da sociedade organizada, foi fundamental para fortalecer a agropecuária na região. Entre as diversas ações está o projeto de combate ao borrachudo, uma iniciativa que beneficiou os produtores rurais e toda a população de Cornélio Procópio. Em 2012, através de uma parceria com a Universidade Estadual de Londrina (UEL), todo o trajeto do rio Ribeirão São Luiz foi mapeado com finalidade de identificar as áreas com maior incidência do mosquito para calcular a quantidade de inseticida para combatê-lo.

Para comprar o produto, uma parceria foi formada entre o Sindicato Rural, prefeitura, Sanepar e a Companhia Iguazu Café Solúvel. “Essa ação resultou no fim do incômodo provocado pelo borrachudo e se tornou um programa do município”, conta o médico-veterinário Cristiano Leite Ribeiro, presidente do CSA.

Segundo ele, a erradicação da murta, hospedeira de uma praga na produção de citrus na região, foi outra ação que obteve bons

resultados. Em 2013, se tornou uma legislação municipal e todas as árvores contaminadas foram erradicadas do município.

A ação mais recente do CSA definiu uma estratégia direcionada a questões de sanidade na produção de queijo artesanal. “O objetivo é garantir segurança alimentar nos produtos vendidos em feiras da cidade, visando certificar os produtores, garantindo a qualidade do queijo. Queremos adequar a receita desses produtores com a sanidade”, explica o médico-veterinário.

Através de uma parceria entre o CSA e Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), em Bandeirantes, foi realizado um treinamento com 12 produtores no ano passado. “O nosso principal objetivo é de que o queijo seja produzido dentro das normas de qualidade, garantindo a renda do nosso produtor”, observa Cristiano. A próxima etapa envolve um curso de ordenha manual e mecânica para os produtores de leite da região, a ser realizado pelo SENAR-PR. “O treinamento, com aulas teóricas e práticas individuais nas propriedades pretende identificar e sanar os problemas existentes. Quanto mais forte for a participação e organização dos conselheiros, mais forte se torna o CSA e mais projetos conseguimos implantar”, destaca Cristiano.

Transformações elétricas

Programa Gera Rural, da Copel com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR e outras entidades, irá promover a geração de energia renovável no meio rural do Estado



A matriz energética do Brasil – e, conseqüentemente, do Paraná – está se transformando. Nos últimos anos, o uso dos combustíveis fósseis tem cedido espaço para fontes limpas, geradas a partir de microgeradores solares, eólicos e/ou biomassa. A mudança tem inúmeros ganhos, desde a redução no impacto ambiental, facilidade para operação em função da proximidade dos pontos de consumo, até economia no custo de produção.

Para acompanhar essa mudança de cenário, a Copel desenvolveu o programa Gera Rural. A proposta da empresa é utilizá-lo para promover a geração de energia renovável autônoma no meio rural do Paraná. Os detalhes deste programa foram apresentados no Seminário Inovação Copel 2016, realizado no dia 9 de junho, na sede da empresa, em Curitiba.

“A burocracia de pequenos projetos é a mesma dos grandes. Hoje temos muitos pequenos. O ideal é reduzir esse número e

intensificar o trabalho numa gama menor”, destaca Marcos de Lacerda Pessoa, superintendente de Inovação da Copel. “A matriz energética do Brasil precisa ser mais diversificada. Por isso comprometemos R\$ 120 milhões em projetos de P&D (Pesquisa e Desenvolvimento)”, complementa.

O Gera Rural está dividido em três etapas que, no total, somam dois anos de duração. A primeira, com dois meses, é o desenvolvimento dos modelos de negócio, análise regulatória e busca de financiamentos para implantação das redes elétricas. Em seguida, profissionais serão treinados em cursos de especialização de 360 horas. Essa etapa irá contar com participação direta do SENAR-PR na promoção de cursos de capacitação na área aos envolvidos no processo. A última parte inclui a implantação física das redes elétricas do programa, além do desenvolvimento das frentes de pesquisa, estudos de integração energética,

automação, armazenagem, telecomunicações e soluções.

“Já temos as tecnologias disponíveis para implantar imediatamente o programa. O refinamento será realizado ao longo do tempo”, garante Pessoa.

A meta do programa, entre outras, é reduzir os índices de interrupção de energia, na duração e na frequência, registrados no meio rural, números maiores em relação à área urbana. Essas paralisações na transmissão de energia causam enormes transtornos para os negócios no campo e, conseqüentemente, consideráveis prejuízos financeiros.

Preocupação essencial

“Sem energia, nada roda no campo. Ou seja, se cai a energia, o produtor perde a produção. Por conta disso, o setor produtivo tem preocupação com a questão da energia”, destaca Ágide Meneguete, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR. “O modelo energético do Brasil é pautado pelas hidrelétricas. Isso mostra o quanto é necessário investir em inovações. O Gera Rural é um bom programa e que possibilita acelerar a diversificação da energia”, reforça.

Para o secretário de Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, a Copel está no caminho certo em relação ao futuro da energia. “O Gera Rural pode eliminar os problemas no meio rural. Esse é o caminho que precisamos trilhar”, destaca.

O programa Gera Rural conta com o apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR, governo estadual por meio da Secretaria da

Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab), Secretaria do Planejamento e Coordenação Geral (Sepl) e Secretaria de Meio Ambiente (Sema), Sistema Ocepar, das cooperativas do Estado, Agência Paraná de Desenvolvimento, institutos de ensino, institutos de pesquisa como Latec, Iapar, Tecpar, Compagas e Sebrae.

O que tem de bom

Conheça alguns dos benefícios do Gera Rural:

- ampliação da potência instalada de geração por fontes renováveis, evitando acionamento de térmicas caras e poluentes;
- melhoria da qualidade da energia no meio rural;
- redução de custos e incremento de renda para produtores autogeradores;
- fomento da agroindustrialização;
- redução do impacto ambiental dos resíduos do agronegócio;
- transformação dos subprodutos da biodigestão em adubo natural;
- certificação ambiental e sanitária dos produtos de agronegócio, agregando valor e estimulando a exportação.



A miséria da infraestrutura



Investir em rodovias, portos e outras obras de infraestrutura é essencial para o crescimento a médio e a longo prazos e pode ser também — esta é ainda uma esperança — um dos primeiros passos para tirar o país do atoleiro e reativar sua economia. Por este motivo, o programa de concessões foi apontado, desde o início do governo provisório, como prioritário. Seria uma forma de reanimar os negócios e a criação de empregos, mesmo com as finanças públicas em péssimas condições, porque envolveria a mobilização de grandes volumes de capital privado. Mas o programa, segundo indicações oficiais, deve começar mais modesta e mais lentamente do que se imaginou logo depois da posse do presidente interino Michel Temer. Falta definir pontos importantes, disse há poucos dias o secretário do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI), Wellington Moreira Franco. Um dos pontos ainda sem definição no fim de semana era o papel do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no financiamento das concessões.

Eliminadas as dúvidas e afastados os principais motivos de insegurança, o governo e seus parceiros do setor privado estarão diante de uma enorme e urgente agenda de investimentos, até porque os governos do PT fracassaram no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e, de modo geral, na pauta de ampliação e de

modernização da infraestrutura. Falharam de muitas formas. Foram incompetentes na elaboração de projetos básicos. Em muitas ocasiões foram incapazes de atrair o interesse de investidores potenciais e mostraram-se ineptos no acompanhamento de obras.

Treze anos depois de iniciado o primeiro governo petista e nove anos depois de lançado o PAC, alguns números divulgados no Estado, no domingo, mostram a desvantagem do Brasil diante de vários países desenvolvidos e emergentes. No Brasil há 25 quilômetros de rodovias pavimentadas para cada mil quilômetros quadrados de superfície do País. Há 438,1 nos Estados Unidos, 359,9 na China, 54,3 na Rússia, 46 na Austrália e 41,6 no Canadá. A densidade da malha ferroviária também é desastrosamente pequena. Há 3,6 quilômetros de ferrovias por mil quilômetros quadrados de superfície, contra 9, 8 no Chile, 13,5 na Argentina, 20,5 na China, 23 na Índia e 32 nos Estados Unidos.

Por qualquer medida — e o quadro seria o pior se as hidrovias entrassem na comparação — é clara a desvantagem dos produtores brasileiros. A agricultura nacional é uma das mais eficientes na produção de soja, mas seu poder de competição é minado pela dependência excessiva do transporte rodoviário. Além disso, a qualidade e a má conservação das estradas também tornam muito cara a entrega de soja e derivados nos principais mercados internos e nos portos. Se o produto ainda é competitivo, é exclusivamente graças à eficiência nas áreas de produção.

Mas a perda do poder de competição, com enorme elevação de custos, é apenas uma das consequências da pobreza, do mau planejamento e da baixa qualidade da infraestrutura. Há indicadores muito mais dramáticos, como a insegurança nas estradas, e também mais vergonhosos, como a deficiência nos serviços de água e saneamento. No Brasil, o suprimento de água atinge 83% das pessoas. Em outros países latino-americanos — México, Venezuela, Uruguai, Chile, Costa Rica e Argentina — as taxas variam de 93% a 99,8%. Mas o cenário é muito pior quando se trata de serviços de esgoto: atendimento de apenas 49, 8%, contra 63, na Bolívia, 69% na Argentina, 93,6% no Chile e 94, na Venezuela.

Não há como pensar em desenvolvimento econômico e em competitividade sem muito investimento em infraestrutura. E é certamente um abuso falar de desenvolvimento social quando o saneamento mal se estende a metade da população. Tudo isso compõe uma enorme e inadiável agenda, mas, antes de tocá-la, o governo deve conquistar o investidor. Parece um paradoxo, mas um bom começo é conter o gasto público. Austeridade convence e facilita parcerias.

(Publicado originalmente em O Estado de S. Paulo, 7 de junho de 2016)



Uso de semente salva

A Instrução Normativa nº 21, publicada no Diário Oficial da União em 6 de junho de 2016 alterou o formulário contido no anexo XXXIII, utilizado pelos agricultores que reservam parte dos grãos colhidos na safra para utilizar como sementes na safra seguinte.

Passaram a ser exigidas informações das Coordenadas Geodésicas da Sede e da Inscrição Estadual. Também houve alteração nas informações do quadro que caracteriza a área plantada com sementes certificadas e a estimativa da quantidade de sementes a ser reservada.

Os agricultores podem obter o formulário no site da FAEP.

Dia de Campo em Guarapuava

O Sistema FAEP/SENAR-PR, em conjunto com o Sindicato Rural de Guarapuava, promove na próxima quinta e sexta-feira (16 e 17 de junho) um Dia de Campo voltado à pecuária de corte. O evento acontece no âmbito do programa Pecuária Moderna, uma parceria do Sistema FAEP/SENAR-PR com o governo do Paraná que tem como objetivo fortalecer e modernizar a bovinocultura de corte no Estado, através da aplicação de ferramentas de gestão, comercialização e da organização dos produtores do Estado.

As inscrições podem ser feitas diretamente no Sindicato Rural de Guarapuava, ou através do telefone (42) 3623-1115.

Safra menor

A safra brasileira de grãos 2015/16 deve atingir 196,49 milhões de toneladas, redução de 5,4% em comparação com as 207,67 mi/t colhidas na temporada 2014/15. O dado faz parte do 9º Levantamento de safra da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), divulgado no último dia 9. A queda na produção é reflexo das adversidades climáticas, tanto no plantio como na colheita, que prejudicaram o milho verão e safrinha no ciclo vegetativo. A primeira safra do cereal deve alcançar 26,2 mi/t, enquanto a safrinha, que começa a ser colhida este mês, tem previsão de 50 mi/t. A produção de soja, mesmo prejudicada pelo clima, irá registrar colheita de 95,63 mi/t.

Suíno em alta

O incremento das exportações brasileiras de carne contribui para elevar os preços internos do suíno, tanto a carne e o animal vivo. Entre janeiro e maio deste ano, o volume recorde embarcado pelo país alcançou 247,8 mil toneladas, aumento de 62% em relação ao mesmo período da temporada passada. Com a oferta no mercado interno enxuta, segundo os pesquisadores do Cepea, as cotações do animal vivo e da carne estão em forte reação. No acumulado do mês de junho, o animal vivo se valorizou 5,4%. Já as carcaças, a alta do valor foi mais contida.



Máquinas nos cafezais

Curso de Colheita Mecanizada do Café capacita produtores e aumentar a eficiência das lavouras



Instrutor Luiz Carlos de Carvalho apresentou noções básicas de regulagem da máquina para aumentar a eficiência na colheita

Nas últimas décadas, a cafeicultura paranaense sofreu transformações que exigem avanços na forma como o produtor lida com as lavouras, principalmente na região do Norte Pioneiro. Dentre todas as etapas da cadeia produtiva, talvez, a colheita do grão seja a que mais mudanças registrou, principalmente com o implemento da mecanização do processo, reduzindo drasticamente o uso de mão de obra e elevando a eficiência da produção.

Para acompanhar o desenvolvimento do mercado e preparar os produtores para essa realidade da atividade, o SENAR-PR promoveu o curso de Colheita Mecanizada do Café. Ao longo das últimas duas semanas, mais de 60 produtores e/ou funcionários de fazendas de café, divididos em quatro turmas, frequentaram as aulas sobre regulagem da máquina, noções básicas de segurança do trabalho, técnicas de colheita e eficiência no processo.

O curso, com carga horária de 24 horas dividida em três dias

de aula, aconteceu nos municípios de Santa Mariana, Jacarezinho, São Gerônimo da Serra e Carlópolis. “O curso é uma demanda dos produtores que nos últimos anos passaram a adquirir a máquina”, destaca Reversion Camargo, engenheiro-agrônomo do SENAR-PR, lembrando que esse é o segundo ano do curso no Paraná. Na temporada passada foram duas turmas.

O curso de Colheita Mecanizada do Café ainda não faz parte do catálogo de cursos no SENAR-PR. Nem por isso o tema foi deixado de lado. A entidade “importou” o instrutor Luiz Carlos de Carvalho, engenheiro-agrônomo do SENAR-MG, para ministrar as aulas. “O objetivo é ajudar o pessoal a tomar a decisão correta de quando começar a colheita com base nas condições reais da lavoura”, destaca Carvalho. “É preciso uma boa regulagem para colher o máximo possível, sem danificar a lavoura e sem prejudicar a máquina”, complementa.

Mão à obra

A equipe do Boletim Informativo do Sistema FAEP/SENAR-PR acompanhou um dos dias do curso realizado na Fazenda Figueira, no município de Santa Mariana. Na primeira parte do curso, a turma de 15 alunos pôde conhecer mais sobre a colheitadeira de café, além de aprimorar conhecimentos para regulagem e manutenção da máquina.

“O curso passa uma boa noção da parte mecânica. Isso permite, por exemplo, em caso de algum problema, fazer ajustes sem precisar chamar a assistência”, diz Maycon Rafael Lara.

Maycon decidiu fazer o curso para começar a trabalhar com o pai, que tem uma colhedeira de café e presta serviço na região. “Sabemos de gente que começou a operar a máquina sem qualquer preparação. Acaba que o pessoal não explora 100% do potencial da máquina”, relata o aluno.

Na segunda parte, os alunos foram para o meio da lavoura, onde puderam fazer na prática a seleção dos grãos para identificar o momento ideal para iniciar a colheita com eficiência. “O curso abre uma janela importante e melhora a eficiência do processo de

colheita”, pondera o instrutor Carvalho.

Visando essa busca pelo potencial máximo das lavouras de café que o produtor Max Emil Bucher inscreveu dois dos seus funcionários no curso. “O principal ponto é a segurança dos funcionários. Além disso, conhecer a máquina que se está operando diminui as perdas na lavoura. Ou seja, a eficiência será maior”, garante.

A cafeicultura está presente na fazenda de Bucher desde a década de 40, quando a administração estava nas mãos do seu bisavô. Apesar da histórica geada de 1975, que dizimou os cafezais da região Norte do Paraná, a cultura não foi abandonada. Ao contrário, hoje ocupa 145 hectares dos 1,1 mil hectares. A produção é comercializada para exportação.

Mais, nos últimos anos, Max investiu uma quantia significativa para refazer os cafezais de forma que a colheitadeira pudesse realizar o trabalho sem danificar as plantas. Desta forma, reduziu a mão de obra apostando na enreda do maquinário. “Quando comprei a máquina, a empresa que vendeu veio e deu um curso básico. O curso do SENAR-PR é complementar, que irá reduzir as perdas e viabilizar ganhos na produção, além e aumentar a vida útil da máquina.”



FUNDEPEC PR

FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DO PARANÁ

INFORME

Veja também no site
www.fundepecpr.org.br

FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 31/05/2016

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS/ BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	33.236.277,02	-	2.341.952,64	-	39.875.662,72
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	3.460.050,03	-	181.518,99	-	15.812.456,86
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	3.370.607,75	-	-	-	7.195.142,38
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	133.949,88	-	-	-	211.272,66
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	13.190,14	-	-	-	19.028,75
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	167.429,52	-	-	-	251.437,43
Pgto. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	20.744.182,00	4.624.105,00	141.031,00	40.520.185,43	542.225,27	2.664.502,63	77.567,43	63.287.433,37
SALDO LÍQUIDO TOTAL								63.287.433,37

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

Campina da Lagoa



Derivados de Leite

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa, em parceria com a Secretaria de Agricultura de Altamira do Paraná, realizou, entre os dias 14 e 15 de abril, o curso Produção Artesanal de Alimentos - Derivados de Leite. Participaram 14 produtoras e trabalhadoras rurais com o instrutor Sérgio Kazuo Kawakami.

São Mateus do Sul



Geleias

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul realizou nos dias 26 e 27 de abril o curso Produção Artesanal de Alimentos - Geleias, doces de corte e doces pastosos. Participaram 10 produtoras com a instrutora Marilsa Simone Retzlaff.

Palotina



NR 31.8

O Sindicato Rural Patronal de Palotina realizou entre os dias 11 e 13 de abril o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos – norma regulamentadora 31.8. Participaram 12 pessoas com o instrutor Alcione José Ristof.

Andirá



Primeiros Socorros

O Sindicato Rural de Andirá realizou na sua extensão de base de Barra do Jacaré, nos dias 28 e 29 de abril, o curso Trabalhador na Segurança do Trabalho – Primeiros Socorros. Participaram 13 pessoas com o instrutor Guilherme Borotta de Campos.

Maringá



Jardinagem

O Sindicato Rural de Maringá, em parceria com a Sociedade Rural de Maringá, realizou, nos dias 25, 26 e 27 de abril um curso de jardinagem para iniciantes. Participaram 10 pessoas com o instrutor Renato de Moura Corrêa.

Sertanópolis



NR 33

O Sindicato Rural de Sertanópolis realizou, entre os dias 11 e 15 de abril, o curso Trabalhador na Segurança no Trabalho – NR 33 – Supervisores. Participaram 10 pessoas com o instrutor Clóvis Michelim Biasuz.

Ubiratã



Alimentos de Milho

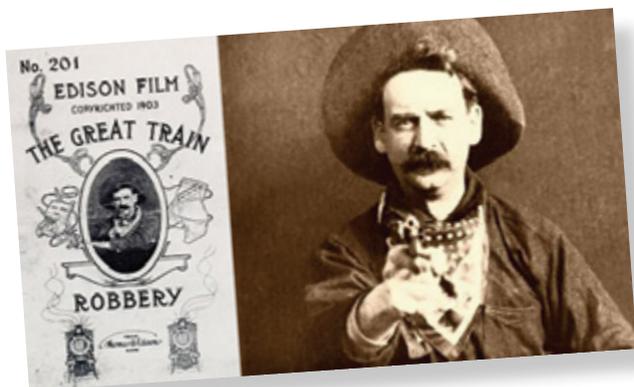
O Sindicato Rural de Ubiratã, em parceria com a APAE, realizou nos dias 5 e 6 de maio o curso Produção Artesanal de Alimentos - Beneficiamento e transformação caseira de cereais - básico em milho. O evento reuniu 14 participantes com a instrutora Silvia Lucia Neves. As famílias Marques e Fernandes doaram o milho.

Abatiá



Derivados de Mandioca

O Sindicato Rural de Abatiá realizou, nos dias 10 e 11 de maio, o curso Produção Artesanal de Alimentos - Derivados de Mandioca. Foram 11 participantes com instrutora Maria Luzinete Pina Zanin.



Primeiro banguê-banguê

O primeiro filme ao estilo banguê-banguê chamou-se *The Great Train Robbery* (em português, “O Grande Assalto ao Trem”), e foi dirigido por Edwin Stanton Porter, câmera dos estúdios de Thomas Edison, em Nova York. Foi feito em 1903 e tem meros 12 minutos de duração. Fez tanto sucesso à sua época que teve várias imitações. O próprio Porter fez uma paródia de seu filme dois anos mais tarde, protagonizado apenas por crianças – nesse caso, a carga do trenzinho a ser roubado era formada por bonecas e doces.



Só cinco

Dos oito planetas do sistema solar, só cinco são visíveis a olho nu: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Estes já eram conhecidos das civilizações antigas. Os antigos observadores sabiam diferenciar as estrelas dos planetas por dois fatores. Em primeiro lugar, os planetas, ao contrário das estrelas, se movimentam no céu ao longo do ano, apresentando-se em pontos diferentes do céu. Seu nome, aliás, deriva justamente disso: planetes, em grego, significa “errante” ou “aquele que vagueia”. Além disso, sua luz mantém-se firme e não “pisca”, como acontece com as estrelas.

A planta-ovo

Uma das estrelas de muitas dietas, a berinjela é um parente distante do pimentão e do tomate. Seus defensores dizem que ela pode ajudar a reduzir o colesterol e até emagrecer. Mesmo que não seja bem assim, vale a pena consumir berinjela pelo seu sabor, que seduz a todos – alguns vegetarianos a usam até para substituir a carne em receitas. Em inglês, ela é chamada de eggplant, que significa planta-ovo, uma referência às variedades brancas cultivadas na Europa, que pela cor e formato se assemelham aos ovos de galinha.



Enquanto isso, no consultório...

- Doutor, tem um homem invisível na sala de espera!
- avisa a recepcionista do consultório de psiquiatria.
- Diga para voltar mais tarde, porque agora não posso vê-lo...

Trava-línguas

Só os mais valentes vão tentar pronunciar o nome desta cidade, que fica no Norte do País de Gales, na Grã-Bretanha: Llanfairpwllgwyngyllgogerychwyrndrobwllllantysiliogogogoch. Em português, poderia ser traduzida como “Igreja de Santa Maria no vale da avelaneira branca próximo a um redemoinho rápido e da Igreja de São Tisílio da caverna vermelha”. É a cidade com o nome mais longo no mundo. A denominação foi adotada no século XIX, como uma forma de incentivar o turismo local. O nome antigo era mais curtinho, apesar de difícil de pronunciar: Llanfair Pwllgwyngyll.





Decoração

A Diaine descobriu que a chácara de Tamarana recebeu uma decoração especial, feita por uma aranha. Que beleza, hein, Diaine?

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br



Do outro mundo

Pesquisadores da Itália e do Egito descobriram algo do outro mundo quando estavam analisando um punhal do faraó Tutankâmon: ele foi feito de material extraterrestre. Os cientistas já sabem há algum tempo que os meteoritos têm uma composição diferente dos minerais terrestres. Quando avaliaram o metal que compõe a lâmina do punhal faraônico, perceberam que havia nele algo de diferente. Segundo o estudo, a quantidade de ferro e cobalto são idênticas à de um fragmento de meteorito encontrado em uma localidade a 240 quilômetros de Alexandria.



Bermudas

A bermuda foi batizada com o nome de sua terra natal, as ilhas Bermudas, localizadas no Caribe. Ela surgiu nos anos 40, quando a guerra fez com que o fornecimento de roupas ao arquipélago fosse interrompido. Os homens passaram a usar, então, calças curtas, à altura do joelho, aproveitando uma modelagem usada pela Marinha britânica – era

o tipo de vestimenta que os militares usavam em lugares tropicais ou desérticos. Passada a guerra, a moda pegou, e estilistas adaptaram o desenho militar para o uso cotidiano.

Terra redonda

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, na época dos Descobrimentos não havia muitas dúvidas de que a Terra era redonda. A grande dúvida da época era em relação ao tamanho: pensava-se que nosso planetinha era menor, e poucos imaginavam que haveriam continentes inteiros entre o extremo ocidental da Europa e a Ásia oriental.

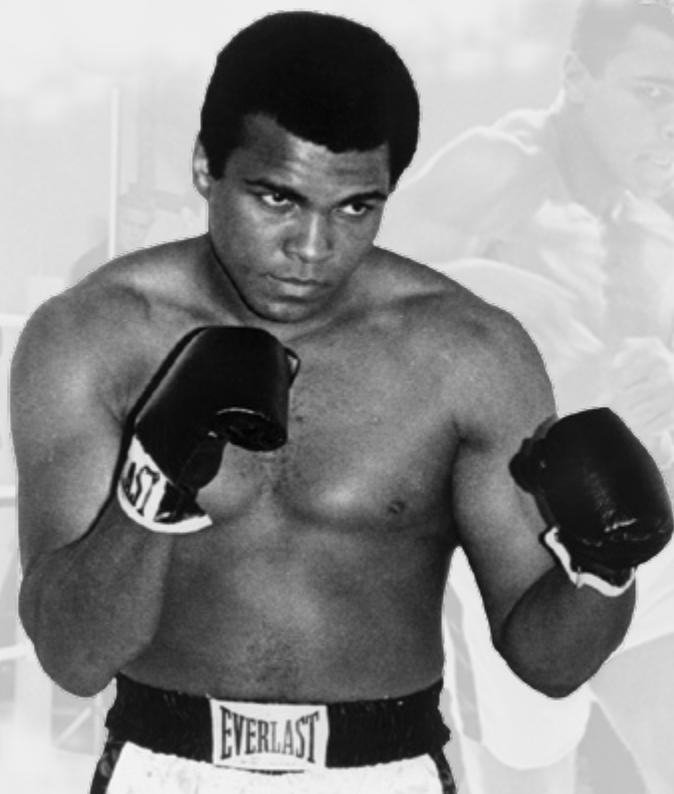
Foi a certeza de que a Terra era redonda que levou Portugal e Espanha a assinarem o Tratado de Tordesilhas, em junho de 1494, dividindo entre eles as terras a serem descobertas. Pelo tratado, seriam portuguesas todas as terras a leste de uma linha imaginária traçada a 370 léguas de Cabo Verde. O que estivesse a Oeste caberia a Espanha. O que pouca gente se lembra é que os dois usaram a mesma medida em disputas do outro lado do mundo. O Tratado de Zaragoza, de 1529, entendia a linha de Tordesilhas até a Oceania. Na época, os dois países disputavam as Ilhas Molucas, hoje parte da Indonésia.





A VOZ DO CAMPEÃO

Seu pai era um pintor de faixas e cartazes, e sua mãe, uma empregada doméstica. Cassius Marcellus Clay era um garoto pobre, que começou a lutar boxe aos 12 anos, encorajado por um oficial da polícia que era amigo da família. Logo ele se tornou grande – o maior de todos, segundo sua própria opinião, que logo foi confirmada por adversários, colegas e pela crítica esportiva. Cassius Clay (ou Mohammed Ali, nome que adotou depois de sua conversão ao Islamismo, em 1964). Morreu no dia 4 de junho. Veja na sequência algumas frases de impacto, que ajudaram a torná-lo uma lenda no esporte.



“Sou o maior. Disse isso a mim mesmo inclusive antes de saber que o era.”

“No golfe eu também sou o melhor. O único problema é que nunca joguei golfe.”

“Quando se é tão grande como eu, é difícil ser humilde.”

“Campeões não são feitos em academias. Campeões são feitos de algo que eles têm profundamente dentro de si — um desejo, um sonho, uma visão.”

“Nenhum vietcongue me chamou de crioulo, por que eu lutaria contra eles?”

“Voe como uma borboleta, mas ferroe como uma abelha.”

“É apenas um trabalho. A grama cresce, os pássaros voam, as ondas acabam na areia. Eu bato nas pessoas.”

“Já lutei contra um crocodilo. Já briguei com uma baleia! Algemei o relâmpago! Joguei o trovão dentro da cadeia! Vou te mostrar como sou grande! Todos vocês vão se curvar!”

“Eu sou tão rápido que ontem à noite eu desliguei as luzes do meu quarto e estava na cama antes de ficar escuro.”

“Eu não sou o maior. Sou duplamente o maior. Não só nocauteio meus oponentes, como escolho o round.”

“Às vezes eu tento ser modesto. Mas aí começam a me faltar argumentos.”

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___ Responsável _____
Em ___/___/___

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br